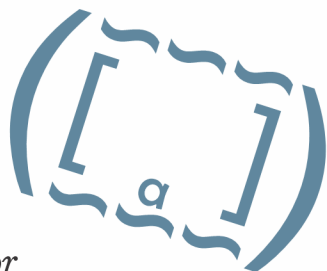


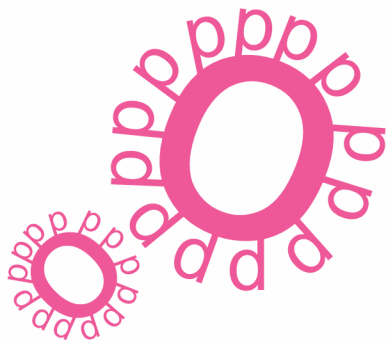
Cronicamente falando



organizado por
Henrique de Oliveira Moreira

autores

Alexandre Oliveira Souza
Augusto Castejon Santana
Diogo Antunes Rocha Ribeiro
Emanuelle Prata Genésio
Henrique de Oliveira Moreira
Juliana Gabriele Gomes Oliveira
Letícia Magalhães de Sousa
Patrick Machado Cardoso
Tiago Henrique Alves Santos



editora
IFTM 



**INSTITUTO
FEDERAL**
Triângulo Mineiro

Alexandre Oliveira Souza
Augusto Castejon Santana
Diogo Antunes Rocha Ribeiro
Emanuelle Prata Genésio
Henrique de Oliveira Moreira
Juliana Gabriele Gomes Oliveira
Letícia Magalhães de Sousa
Patrick Machado Cardoso
Tiago Henrique Alves Santos
Karla Janaína Barcelos (revisão)

CRONICAMENTE FALANDO

Organizado por
Henrique de Oliveira Moreira

UBERABA-MG
2024

Reitor

Marcelo Ponciano da Silva

Diretoria de Comunicação Social e Eventos

Ana Clara Santos Costa

Coordenação da Editora IFTM

Carla Regina Amorim dos Anjos Queiroz

Coordenação de Comunicação Social

Danilo Silva de Almeida

Conselho editorial da Editora IFTM

Ana Clara Santos Costa	Guilherme de Freitas Borges
André Luiz França Batista	Gyzely Suely Lima
Antenor Roberto Pedroso da Silva	Helio Aparecido Lima Silva
Carla Regina Amorim dos Anjos Queiroz	Isaura Maria Ferreira
Carlos Magno Medeiros Queiroz	Jaqueline Maissiat
Carlos Paula Lemos	Joyce Pereira Takatsuka Sodero
Carolina Pimenta Mota	Larissa Vieira de Melo
Claudio Marcio de Castro	Livia Letícia Zanier Gomes
Daniela Beatriz Lima Silva Viana	Márcia Aparecida Bellotti Camborda
Danielle Freire Paoloni	Mariana Duó Passerini
Danilo Silva Almeida	Mariângela Castejon
Ernani Viriato de Melo	Marina Robles Angelini
Fernanda Faustino Nogueira Nunes	Paulo Irineu Barreto Fernandes
Flávio Caldeira Silva	Renato Paulino Borges
Geraldo Gonçalves de Lima	Rosiane Maria Silva

Obra aprovada de acordo com o Edital 02/2023 REITORIA/DCSE/EdIFTM

Projeto Gráfico

Danilo Silva de Almeida

Revisão Textual

Karla Janaína Barcelos
Mariângela Castejon

Diagramação

Marcos Roberto Capuci Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C947 Cronicamente falando / Alexandre Oliveira Souza... [et al.]; organizado por Henrique de Oliveira Moreira. -- Uberaba: Editora IFTM, 2024.

80 p.

Publicação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM.

Vários autores.

ISBN 978-65-999569-6-6

1. Crônicas brasileiras. I. Souza, Alexandre Oliveira. II. Moreira, Henrique de Oliveira (org.). III. Título.

CDD B869.8

Dedicamos este livro a todas as
vítimas da *covid-19*.

Agradecemos ao Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico – por nos dar oportunidade de criar, de crescer, de voar!

*“Os tristes acham que o vento geme;
os alegres acham que ele canta.”*

Luis Fernando Veríssimo

Sumário

Prefácio 11

Apresentação 12

Parte I - Pandemia

Vacina póstuma

Alexandre Oliveira Souza 14

A grande (de)pressão e os dias atuais

Augusto Castejon Santana..... 16

Casa. Assustada. Cansada...

Letícia Magalhães de Sousa..... 18

O Abatedouro

Diogo Antunes Rocha Ribeiro..... 20

Vidas de LaBoRaTóRiO

Letícia Magalhães de Sousa..... 21

A próxima revolta da vacina

Juliana Gabriele Gomes Oliveira 23

Insônia

Henrique de Oliveira Moreira..... 25

Parte II - Tecnologia

Prisões de segurança máxima

Alexandre Oliveira Souza 27

Profissão do futuro?

Patrick Machado Cardoso 29

Máquinas das Máquinas

Letícia Magalhães de Sousa 31

Não se vê crianças na rua

Augusto Castejon Santana 32

O novo significado de Tecnologia

Diogo Antunes Rocha Ribeiro 33

Fórmula da felicidade

Juliana Gabriele Gomes Oliveira 35

Parte III - Aquecimento global e meio ambiente

O calor que não se sente

Alexandre Oliveira Souza 38

Camelos Contemporâneos

Diogo Antunes Rocha Ribeiro 40

O verdadeiro remédio?
Patrick Machado Cardoso..... 41

A realidade
Tiago Henrique Alves Santos..... 43

Iluminados por luzes artificiais
Emanuelle Prata Genésio..... 45

O Empecilho
Patrick Machado Cardoso e Diogo A. R. Ribeiro 47

Parte IV - Preto e pobre no brasil

Dia 13 de Maio
Augusto Castejon Santana..... 49

Vitrine ~~Preta~~ e Branca
Alexandre Oliveira Souza 50

O que há de errado com a cor da minha pele?
Letícia Magalhães de Sousa..... 54

O Bom Samaritano
Alexandre Oliveira Souza 56

Como a vida é
Emanuelle Prata Genésio..... 58

Economia

Alexandre Oliveira Souza 60

Parte V - Datas comemorativas

Uma data especial

Tiago Henrique Alves Santos 65

Mães que são como anjos

Emanuelle Prata Genésio 67

Dia das Crianças para quem?

Alexandre Oliveira Souza 70

Um Papai Noel diferente

Alexandre Oliveira Souza 74

Blitz de Natal

Patrick Machado Cardoso 77

Prefácio

O gênero crônica fascina parte dos estudantes por se tratar de um texto geralmente curto que traz sutilezas poéticas intrínsecas a uma obra de arte.

O presente livro é composto por criações impressionantes de jovens e adolescentes (além de uma crônica feita por um adulto, *Insônia!*) que demonstram sua capacidade em ler com extrema sensibilidade e poesia o mundo do qual fazem parte.

Em muitos momentos, o leitor será conduzido à reflexão sobre assuntos importantes como a pandemia de *covid-19* que abalou toda a humanidade ou sobre a invisibilidade de algumas pessoas em nossa sociedade.

Certamente, haverá momentos em que o riso será inevitável, já que uma crônica retrata o cotidiano e ele não deve ser levado tão a sério sempre! É preciso também ter alegria, leveza, arte!

Bem, ler um livro é sempre uma aventura, um mergulho no desconhecido... então, boa viagem!

Henrique de Oliveira Moreira

Apresentação

Este livro é fruto de um Projeto de Extensão feito durante a pandemia nos anos 2020 e 2021, com alguns estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico, sob minha orientação.

A ideia inicial partiu do estudante Augusto Castejon que, após ter produzido uma crônica em sala de aula e feito a gravação com sua própria voz, sugeriu que fosse montado um projeto. E assim foi feito!

Devido ao isolamento, as reuniões aconteceram quinzenalmente por meio de videoconferências via Google Meet em que eram definidos os temas a serem abordados. No encontro seguinte, as crônicas produzidas eram lidas por todos e, naquele momento, eram sanadas eventuais dúvidas em relação a aspectos gramaticais e a recursos estilísticos específicos do gênero em questão. Além disso, eram feitos debates sobre os assuntos apresentados.

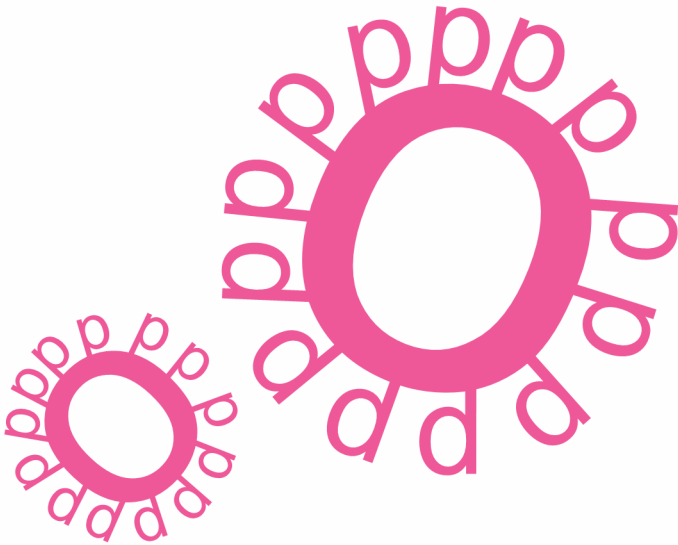
O resultado é esta obra maravilhosa recheada de diversos tópicos que fizeram e ainda fazem parte do cotidiano brasileiro, mostrando a capacidade literária de nossos jovens e adolescentes!

Boa leitura!

Henrique de Oliveira Moreira

Parte I

Pandemia



Vacina póstuma

Alexandre Oliveira Souza

Parei numa praça perto da casa em que costumava morar e sentei-me no desconfortável banco de concreto. Decidi somente observar o movimento (que teoricamente deveria ser inexistente) e me surpreendi com a quantidade de pessoas insensatas que existe.

Olhei um grupo de jovens que passava e decepcionei-me: em plena PANDEMIA e os sujeitos não usavam nem mesmo máscara. Distanciamento social? Claro que não! Era um bando de jovens irresponsáveis. Será que pensam na família? Nos pais? Nos avós? Não parece. Percebi que se dirigiam à praça onde eu estava e me irritei ainda mais. Afinal, se é para sair de casa, que seja para algo importante, não? Sair de casa para ir à praça com os amigos não me parece urgência alguma.

Decidi ouvir a conversa deles quando se sentaram perto de mim, mas confesso que não foi fácil, parece que os jovens usam algum tipo de criptografia, porque a cada cinco segundos ouço uma palavra ou expressão que não conheço. Ouvi muitos “sem maldade” – por que alguém falaria algo com maldade entre amigos? –, “vapo” – que não faço ideia do que seja –, “visão” – que eu imagino que o sentido que atribuíram não seja nada parecido com o sentido ordinário – e mais alguns outros que nem consigo pronunciar. Em meio às gírias e códigos entendi que comentavam de viagens que haviam feito recentemente. Mais um ponto para minha decepção. Sério? Viajar no meio de uma epidemia? Acho que as pessoas não têm ideia da magnitude desse vírus. Como alguém vê dados de mais de 1 milhão de mortos e 70 milhões de casos e consegue ser indiferente? Sair de casa por motivos triviais e arriscar a própria vida não me parece uma boa ideia.

Não demorou para que a iminente e ansiada vacina surgisse na conversa. “Mal posso esperar, não aguento mais ficar em casa” - disse

um deles e, a menos que o sujeito morasse na praça, sua frase não fazia sentido. Apesar de conversarem sobre a vacina, não parecia fazer diferença alguma para eles ter ou não uma vacina, eles estavam aqui, afinal. Mas creio que as pessoas são assim, declaram sua esperança no fim da pandemia, mas nada fazem para contê-la. Ficam em casa? Não! Usam máscara? Não! Usam álcool em gel? Não! Evitam aglomerações? Não! Para mim, esse tipo de esperança é morta. As pessoas esperam que a cura caia do céu, mas sequer fazem sua parte na contenção da doença. Ainda vão criar a vacina para a *covid-19*, mas duvido que algum dia criem uma vacina para irresponsabilidade humana.

Quem me dera entender isso antes, talvez eu ainda estivesse vivo.

A grande (de)pressão e os dias atuais

Augusto Castejon Santana

Nos dias atuais, deve ser muito fácil encontrar crônicas, ainda mais em plena pandemia causada pela *covid-19*, em que ideias saem do papel para voar alto ou para falhar miseravelmente! Afinal, estamos todos, ou pelo menos deveríamos, em casa, presos com nossos planos, nossas reflexões, nossos telefones e nossos afazeres. Afazeres que não dão trégua: a louça suja, a janta, o almoço, o lanche, o trabalho que não afrouxa o aperto nem por um instante, os pais, os filhos, a casa para varrer, o banheiro para lavar, e a lista só cresce.

Hoje mesmo percebi minha mãe e suas amigas reclamando da quantidade de trabalho que está se acumulando, e olha que ela tem dois filhos que a ajudam nas obrigações domésticas. Eu mesmo estava fazendo um trabalho, dos diversos que ainda tenho que terminar, e sucumbi, caí na tentação de dar uma “voltinha” e deitar “cinco minutinhos”... pena que o mundo gira cada vez mais rápido, e quase atrasei a entrega por isso. Junto à aceleração de rotação da terra, o aumento de informações – sim, informações que absorvemos o dia todo –, estamos sempre rodeados delas: mexendo no “zap zap” ou mesmo lendo um livro, para o lazer ou para estudar, e essa situação causa uma imensa Pressão, com direito à letra maiúscula e tudo! Somos cobrados por nós mesmos, pelos nossos chefes e por nossos relacionamentos vinte e quatro horas por dia.

Essa doença trouxe muito estresse, mas também permitiu algumas vantagens; no trabalho EaD, por exemplo, as pessoas não têm que aguentar mais o trânsito diário, nem o transporte coletivo lotado. Atualmente, parece que a vida ficou mais rápida, mas o que eu realmente sei é que agora fico cerca de dezesseis horas por dia em frente a uma telinha. E ainda tem a quantidade de “*deliveries*” que só aumenta, é “*ifood*” para cá, é “*Uber Eats*” para lá e as pessoas ficando mais e mais

sedentárias, acabam até engordando. “Vish... e agora? O que fazer? Tenho que emagrecer para atender aos padrões sociais” – mais uma consequência da pressão social.

Se vale a pena sacrificar sua sanidade e sua saúde por cada um desses afazeres, é o que devemos pensar e repensar. Também existem diversos testes de ansiedade, de depressão e de estresse e, ao fazer uso desses recursos e comparar com meus amigos, descobri que a maioria tem ao menos um dos sintomas em estado severo. Com tudo que passamos nos dias modernos, esses sintomas estão cada vez mais comuns. Portanto, é cada vez mais necessário que se tenha acompanhamento psicológico e, mais ainda, que tenhamos tanto tempo para o trabalho quanto para o lazer.

Casa. Assustada. Cansada...

Letícia Magalhães de Sousa

Nada demais para fazer, o tédio é inconveniente, os assuntos na televisão são chatos, as atividades da escola e os afazeres domésticos são as únicas coisas que nunca mudam – e sempre tem algo pra fazer.

A situação está muito séria, por isso não devemos brincar, meu pai está de férias coletivas e vai ficar um tempinho sem receber. O governo está dando um auxílio de 600 reais para aqueles que precisam – e se encaixam nos critérios –, muitas pessoas não estão trabalhando, as contas e as necessidades batem na porta. Como é que faz?

Mais uma pessoa em casa, mais bagunça, mais trabalho... e vai daí para pior! Não acontece nada de interessante, nada é diferente, entrei em um ciclo que não muda de jeito nenhum – parece que até os estresses diários são os mesmos.

A rotina não está sendo nada fácil, estou cansada – não sei definir o que exatamente está me deixando assim – sinto meu corpo dolorido e os olhos pesados. Estou seguindo os horários normais como se estivesse indo para escola – acordo cedo e vou logo para as atividades –, mas com algumas tarefas domésticas a mais.

Tarefas, provas, aulas, trabalhos, seminários, atividades práticas e muito, muito nervosismo. Tomara que eu já esteja no meio da montanha, que tudo isso já esteja acabando, não aguento mais ver mais notificações de tarefas e roteiros de estudos, os trabalhos em grupo agora estão mais chatos de se fazer – temos que esperar as respostas e a boa vontade das pessoas.

Meu corpo dói, a cabeça parece pesar mais que o mundo, os olhos vermelhos e as bochechas rosadas mostram que algo de errado está acontecendo. Será a vacina da gripe e seus efeitos colaterais? Será o

cansaço? Minha mãe preocupada conferiu minha temperatura, os batimentos cardíacos, a saturação de oxigênio no sangue e a minha respiração. Felizmente está tudo bem, mas a cefaleia me mata, não aguento ficar perto de barulho nem em lugares claros.

Fico mal, por não estar fazendo o que eu queria, não teve nada demais, mas sinto que não estou normal – não que eu seja normal, se é que me entendem... – estou desestabilizada física e mentalmente. Está realmente complicado ficar bem no meio desse caos!

O Abatedouro

Diogo Antunes Rocha Ribeiro

Não é possível prever o que pode acontecer daqui uns meses, mas provavelmente seja melhor deixar assim mesmo. A imaginação pode nos remeter a um destino claro, mas a situação seguramente está mais precária do que parece. A quarentena certamente não está fácil para ninguém, mas ainda se tem esperança, provavelmente falsa, mas não deixa de ser uma esperança.

Entretanto, o isolamento não foi aderido por muitos, já que aglomerações são costumeiras. O objetivo sempre é alimentar quem está à sua volta, por mais que isso custe a sua vida; nesse momento, o vírus deixa de existir. O trabalho não para, sempre todos andando padronizadamente, verdadeiros robôs, sem medo algum. Porém, vale tudo por mais alguns gramas de comida. Todavia, a qualidade é duvidosa, o que sempre termina em mais uma fila esperando medicação. Mas para os porcos, tomar medicamentos se torna irrelevante, diante de mais um cocho de comida e uma tumultuada e vasta poça de lama.

Não existe doença que os pare, mesmo que sejam avisados inúmeras vezes dos perigos, eles só querem saber de mais uma ida ao curral. Quando você dá alguma oportunidade a eles, sem hesitar, eles já se atiram nas poças de lamas, a partir de então, não existe lugar mais vazio que o estábulo, eles ficam praticamente abandonados. Porventura, os procedimentos ainda virão, não se pode reclamar das agulhas, dessa forma, sabe-se que não serão todos que poderão contar histórias com um final feliz.

Realmente, quando se trata de esperar pela vacina, não sei se os seres humanos conseguiriam ser tão fortes quanto os porcos.

Vidas de LaBoRaTóRiO

Letícia Magalhães de Sousa

Nos últimos dias, o mundo inteiro se encontra apreensivo; todos esperam pela vacina CoronaVac. Diante das polêmicas e discussões por trás dessa situação, uma conversa em especial me deixou um pouco intrigada e confusa.

Em um belo domingo, na fazenda, minha avó e meu tio se encontraram:

- Bom dia, cumpadre! Cê tá bão?

- Bão demais, cumadre. E ocê?

- Uai, sô... tô preocupada demais com essa tal vacina do Corona.

- Pois é! A coisa tá bagunçada mesmo. O STF vai decidir se a vacinação vai ser obrigatória ou não, olha que loucura!!!

- Ô cumpadre, cê viu que os ratos de laboratório habituais não podem ser usados para estudar o vírus?

- Uai, cumadre, eu vi isso. Os estudos mostraram que eles não têm um receptor sensível ao coronavírus. – disse com um tom de indignação.

- E como que esse povo quer que a vacina seja obrigatória, se nem foi testada direito?...

- Cumadre, se brincar... depois de tomar a vacina vamos ter que ficar confinados respondendo formulários!

- Mas por que ficar fazendo isso? – estranhou.

- Se esse trem for obrigatório, vamos ter que fazer isso sim! Como já vi em filmes, deve fazer parte da experiência! - meu tio respondeu com maestria.

- O quê? Do que está falando, cunpadre? - minha vó, sem entender, nada, indagou-lhe.

- Ora, se os ratos durante o período de testes são acompanhados de perto e submetidos a diversos procedimentos, é isso que vai acontecer com a gente.

- Credo, e não é que cê tem razão mesmo? - disse ela com cara e tom de espanto.

- Mas se a gente sobreviver, vai ficar por isso mesmo?

- Ê cunpadre, e se tiver efeitos colaterais e sequelas?

- Aí o bicho pega e eu te pergunto, qual será a próxima etapa da experiência!?

É muita loucura pensarmos que seremos as próximas vidas de "laboratório" ou muita desinformação mesmo? Eis a questão.

A próxima revolta da vacina

Juliana Gabriele Gomes Oliveira

– Amélia, você vai sair agora? – perguntou a dona Inês, apreensiva, ao ver minha irmã apANHAR sua máscara e as chaves do carro após o almoço.

– Sim, estou indo com a minha irmã no postinho aqui perto de casa para agendar a primeira dose da vacina para a senhora. Soube através de um noticiário que as vacinas contra o coronavírus já foram autorizadas e estão sendo distribuídas por toda a região.

Ao ouvir a filha dizer tais palavras, dona Inês rapidamente se deslocou da mesa na qual estava sentada, indo em direção à Amélia:

– Vamos devagar: me explique essa história direito. Como vocês duas têm a coragem de botar a vida da própria mãe em perigo assim? Já não te disse milhares de vezes que eu abomino completamente essa ideia irracional que as pessoas possuem de se vacinar? Hoje mesmo vi uma postagem do Facebook dizendo que as vacinas podem causar outras doenças, como o autismo. Além disso, foi confirmado recentemente que as vacinas contra a *covid-19*, em especial as genéticas, são capazes de modificar o nosso DNA. Vocês realmente acham que eu vou me submeter a tudo isso só por conta de uma gripezinha? – resmungou, aborrecida;

– Mas, mãe... isso são apenas boatos distorcidos e sem fundamento que circulam pelas redes. São meras teorias da conspiração que as pessoas criam com o propósito de atrair a atenção de pessoas desinformadas. Você não deveria sair acreditando em tudo o que a mídia te mostra – explicou com calma ao ver que a mãe estava prestes a se exaltar.

– Ah, é mesmo? E como você me garante que essa vacina realmente previne o vírus? O presidente mesmo questionou os possíveis efeitos colaterais da vacina, afirmando que não há garantia de que ela não transformará quem a tomar em um “jacaré”.

– Mãe, escuta: vários médicos e pesquisadores já comprovaram a sua eficácia através de testes feitos em pessoas que, assim como você, também pertencem ao grupo de risco. Não há motivo para ter medo! Se preferir, eu posso te levar com a gente no postinho para você confirmar o que eu disse com um especialista.

– Eu não vou a lugar nenhum! – retrucou a mulher de cabelos brancos em um misto de raiva e indignação.

Como resposta à resistência de dona Inês diante da possibilidade de ser vacinada, Amélia bufou impaciente e puxou seu braço, direcionando-se com ela ao fusca azul, de aparência desgastada, que estava estacionado na garagem. Nossa mãe, ciente de que não adiantaria mais discutir, apenas entrou no carro pelo banco da frente e aguardou a chegada ao posto de saúde que se situava a duas quadras da nossa casa. Quando chegamos ao local de destino o relógio já marcava 13h25 e o postinho (que geralmente não conta com muita movimentação nos fins de semana) surpreendentemente aparentava estar bem cheio. Ao entrarmos pela recepção, Amélia se dirigiu a uma funcionária que estava apoiada sobre uma bancada e perguntou:

– Boa tarde, a vacina é onde?

– É lá no fundo. Pode ir direto – disse a moça de modo apressado ao notar que a fila estava ficando cada vez mais extensa.

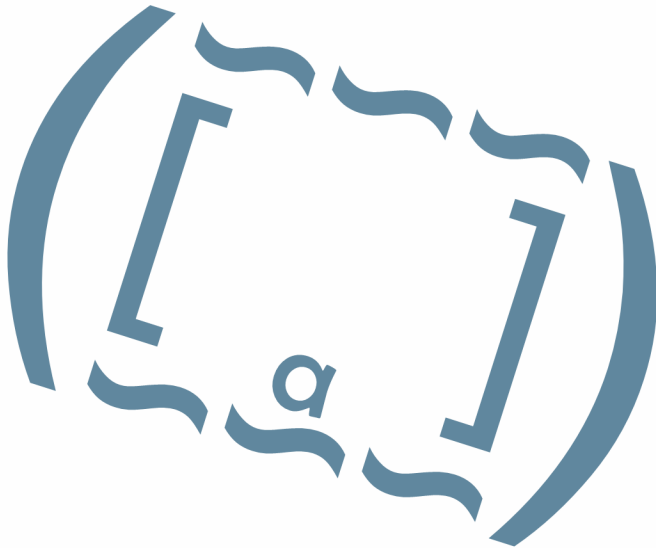
– Eu não vou! – resmungou a mãe de braços cruzados.

Insônia

Henrique de Oliveira Moreira

4 horas da manhã. Tenho que fazer aula. Que aula? *Google Classroom*. *Google Meet*. *Discord*. *Hangout*. Editor de vídeo. Fone. Microfone. *Whatsapp*. *Moodle*. *Virtual IF*. Mouse quebrou. Aluno não fez atividade. Não tem celular, nem computador (compro um pra ele?). Matéria. Conteúdo. Enem. E nem eu sei. E-mail institucional. Ofício interno. Atas. E-mail institucional da CPPD. E-mail institucional da Coordenação. Da outra Coordenação e da outra e da outra. Mensagem da Coordenação do CENID. Mensagem da Comissão EaD. PIT/RAD. Mensagem de aluno. De outro. Outro mais. Mais um. Mais dez. Mais mil. Assistência estudantil. Internet cai. Trabalhos para corrigir. Trabalhos para elaborar. *Virtual IF*. *Moodle*. Criação de turma. Problema na conexão. *Error!* Nova tentativa. *Error! Error! Error!* E-mail particular. *Facebook*. Pandemia. Presidente. Ministro da Saúde. Governo. Desgoverno. Tem Ministro da Educação? Preços subindo. Aula. "Alunos entrem mais cedo!". Entram mais tarde. Atrasados. Áudio não funciona. Áudio funciona, vídeo para. Áudio e vídeo funcionam, apertado botão errado. *Delay*. Deleite às avessas. Vizinha cantando um modão. Áudio baixo. Crianças brincando. Louça caindo no chão. Toca a campainha. Caminhão de lixo. Almoço. Cochilo (perdi a hora!). Prova. Prova? Plataforma. *E-mail*. Mensagem. Servidor instável. 'Zap zap'. Família. Meu pai está bem. Curso online. Matriculei-me em 7, acessei um no horário. Perdi 8. Trimestre. Semestre. Relatório. *E-mail* de aluno. Outro *e-mail*. Mais um. Outro. Outro. Outro. Exaustão. Vontade de largar tudo e sair correndo. Não posso! É quarentena. Vou ler um livro. Não posso. Tem aula. Não tem aula, não tenho ânimo. Um carinho na esposa. Um carinho na filha. Aula. *Moodle* não funciona. *E-mail* TI. Resposta da TI. Não funciona. Videoaula. Aula vídeo. Palavrão. *E-mail*. Presença. *Virtual IF*. Plano de aula. Que aula? Férias... Jogar bola... Sonho... Atividade para corrigir elaborar dar nota *e-mail* virtual reunião *online* Coronavírus governo fome pesadelo. Sono. 7 horas. Hora de levantar para dar aula.

Parte II
Tecnologia



Prisões de segurança máxima

Alexandre Oliveira Souza

Olhos vermelhos de quem não dorme há dias, magreza de quem nem se lembra o que é comer, desidratação de quem não vê água há longas horas, músculos atrofiados de quem mal move-se há semanas; essa é a situação dos miseráveis cativos. Celas sem a mínima iluminação ou higiene. Ah... o saneamento foi-se há muito tempo (se é que um dia houve). Sem muito esforço, veem-se insetos espalhados pelo chão, restos de comida velha aos cantos, a poeira nem se fala...

A vida, para tais prisioneiros, já não é mais a mesma. Em um dia tudo vai bem, o céu ainda é azul, a comida é boa como deve ser, as pessoas conversam umas com as outras civilizadamente; no outro, você é encarcerado numa prisão de segurança máxima. “Nunca conseguiram sair daqui!” – Dizem os boatos na prisão. “Francamente, nem mesmo tentam sair. E por que tentariam? Eles têm tudo de que precisam.” - Arriscam os que estão de fora. Mas a situação é diferente do senso comum, transcende qualquer percepção superficial: os que estão presos nem mesmo o sabem, a sanidade foi-se, sem mesmo dizer ‘água vai’.

Os grilhões que roubam a liberdade são a pior parte; pergunte aos detentos, eles odeiam! Não há nada pior que não poder mover-se livremente! Como é possível viver dessa maneira? Escravos que nem sabem da existência da alforria festejam só os bons momentos (ao menos é o que pensam) que vivem tão raramente. Na verdade, não existe um só preso que realmente seja feliz, embora não pareçam realmente se importar com isso – alguns nem notam a própria tristeza.

Certa vez, falei com alguns homens ilustres acerca disso, homens como Mark Zuckerberg, Bill Gates, Steve Jobs, Michel Krieger e por aí vai. Perguntei a um deles o que achava das condições das prisões em que as pessoas eram mantidas. “Ninguém está lá por obrigação, não é como se não tivesse tido opção, na verdade, eles tiveram, mas escolheram

estar lá.” – Respondeu. Intriguei-me e perguntei: “Se estão lá por vontade própria, como eles podem sair?” – O homem riu, fez uma pausa e declarou: “É só desligar o celular”.

Profissão do futuro?

Patrick Machado Cardoso

Minha família e eu, todos os finais de semanas, íamos almoçar na casa da minha querida avó, lá nos encontrávamos com o resto da família, primos, tios e outros parentes mais distantes; pode-se dizer que era uma forma de minha avó reunir a família inteira em sua casa.

Naquela casa, eu me sentia um cara muito culto, como um professor, pois lá eu encontrava meus dois primos, o Erick de 10 anos e a Paola de 11, que eram um tanto quanto inocentes. Conversando com eles, percebia que me achavam um gênio, perguntavam-me como eu sabia de tanta coisa e eu falava que era de família para família e que eles nunca poderiam ser como eu. Discutindo entre nós, comecei a falar das consequências da tecnologia e usava eles mesmos como exemplos desses problemas, dois viciados da tecnologia já nessa idade.

– Prestem atenção! – disse a eles.

– Quando revemos a linha do tempo da evolução da tecnologia, observamos como ela invadiu intensamente nossas vidas e nos deu grande mobilidade, encurtou distâncias e fronteiras; dos chamados tijolões aos smartphones de hoje, que inclusive vocês estão usando neste momento e não estão prestando atenção ao que estou falando! – Prestem atenção! – disse novamente.

Eles logo pararam de mexer em seus celulares e voltaram seus olhos e ouvidos em direção a mim. Continuo...

– Nos dias atuais, vivemos em rede, com a possibilidade de compartilhar, dialogar, discutir diferentes e inúmeros tipos de conteúdo de uma maneira muito veloz; conectados com o mundo é natural que a maneira de consumir a informação também se modifique. Resumindo, a tecnologia serve

para aproximar quem está longe e afastar quem está perto – finalizo minha fala empoderado e lhes faço uma pergunta.

– O que vocês querem ser quando forem adultos?

– Eu queria ser alto! – descontraí meu tio com seus 1,60m de altura ouvindo a conversa.

– Eu quero ser YouTuber!!! – gritou Erick de repente.

Não vou reclamar com ele, pois até que hoje em dia é bem comum...

– E você Paola?

– Eu não sei ainda... – disse meio tímida.

– Me fala o que você mais gosta de fazer.

– Eu gosto de reproduzir coreografias e imitar pessoas famosas, e depois editar tudo colocando filtros, legendas, trilhas sonoras, fazer gifs e usar minha criatividade – disse empolgada.

– Que tal atriz da Globo? – opinei.

– Que tal TikToker?

Fui-me embora...

Máquinas das Máquinas

Letícia Magalhães de Sousa

Quando se trata de tecnologia, tudo é incerto. Vamos ser substituídos por robôs? Ficaremos desempregados? Não temos nenhuma certeza acerca desse assunto, mas somos responsáveis por esse avanço tecnológico e pelas consequências que ele trará.

Meses atrás, fiz algo diferente, abri o Code Blocks – uma plataforma bastante usada para programar na linguagem C – e resolvi inventar uma calculadora para calcular funções quadráticas. Depois de muitos testes e códigos, consegui criá-la. Porém, nesta semana estamos aprofundando no estudo das funções do segundo grau e eu já tinha uma grande “vantagem”: a minha criação. Trabalhos e provas foram resolvidos através do programa que desenvolvi, mas não tenho segurança de que o meu conhecimento se desenvolveu também, pois me tornei dependente daquele algoritmo. Será que eu conseguiria resolver as mesmas questões sem o auxílio dessa tecnologia que eu configurei?

O meu smartphone diz muito sobre quem sou eu e através dele posso fazer coisas que nunca se imaginou que seria possível, como pagar contas; podemos ligá-lo a uma rede e mandar comandos para geladeira, ar-condicionado, televisão e tudo que contém um certo tipo de Inteligência Artificial (IA). Até parece mágica você colocar louças sujas na lava louças, ligar um robô para limpar a casa sozinho e ter um carro autônomo; sim, é mágico e muito cômodo.

Dentre os diversos benefícios e malefícios da tecnologia, temos que reconhecer que tudo isso só é possível devido às nossas invenções e, que de uma forma bem implícita, a sociedade – na maioria das vezes – é modificada de acordo com os nossos interesses e acomodações. Se você pode usar uma tecnologia a seu favor, pode ser que um dia ela possa ser usada “contra” você.

Não se vê crianças na rua

Augusto Castejon Santana

Hoje em dia, não se vê mais crianças brincando na rua, só naquele video-game. Bom, sabemos que atualmente não é muito seguro brincar na rua, mas existem lugares legais, como parques e salões, que deixam as crianças se socializarem mais; mesmo assim, eles estão vazios. Desse jeito, acredito que, daqui a um tempo, nem festa de aniversário “presencial” não vai ter mais, só vão enviar a foto de um bolo e dar uns parabéns virtualmente, se é que isso é o suficiente para alegrar alguém.

Estava observando dois meninos passeando na rua com a mãe e eles só ficavam brigando para ver de quem era a vez de jogar; eles não olhavam a rua, não interagiam com as crianças em volta, não falavam nem mesmo com a mãe, que também não tirava os olhos do telefone. Nesse ritmo, acredito que as pessoas vão perder a habilidade de se relacionar umas com as outras, vão perder o senso de sociedade. Como o próprio Jack Schafer diz em seu livro “Manual de Persuasão do FBI”, as pessoas estão perdendo a habilidade da comunicação não-verbal.

E eu não falo da boca para fora! Em minha própria casa, fica um no telefone, um na televisão e outro no computador. O único momento em que param e olham na cara uns dos outros é na hora da refeição, que inclusive é o único momento em que só é permitido olhar para a televisão, nada de computadores, nem de telefones; ao menos, um momento ainda se salva.

Muitos já dizem, “A tecnologia aproxima quem está longe e afasta quem está perto”, é possível ligar ou mandar uma mensagem para quem está do outro lado do oceano em um segundo, mas não se pode esquecer que quem está no telefone, ao seu lado, também pode te ouvir em um segundo e responder em outro, e isso é igualmente incrível.

O novo significado de Tecnologia

Diogo Antunes Rocha Ribeiro

Atualmente, surgiu uma nova tendência de piscinas naturais. Piscinas alocadas no fundo do quintal já não estão mais na moda, são muito mais sofisticadas as piscinas ao lado do computador e do caderno, que, inesperadamente, surgem de uma cascata ocular, durante uma aula on-line. Talvez seja porque deve ser bem mais chique mostrar que está em uma praia, quando ligar a câmera.

O isolamento social está realmente impactando todas as áreas que conhecemos e a área tecnológica não é uma exceção. Todos tiveram que se adaptar durante essa quarentena. Pessoas que mal usavam o celular agora estão trancadas dentro de quartos buscando novas formas de trabalhar. Em relação à escola, dispensa-se comentários. Inicia-se pelo repertório das frases usadas pelos professores, em que a famosa frase “Fiquem quietos e prestem atenção na aula!” foi substituída pela súplica: “Por favor, alunos, interajam nas aulas”.

Além disso, em tempos de quarentena, evidencia-se a ausência de habilidades tecnológicas na sociedade. Até mesmo funções primordiais são desconhecidas por muitos. No entanto, é em meio às dificuldades que os “gênios”, mais conhecidos como alunos, destacam-se, já que sempre têm uma resposta mirabolante para as dúvidas mais instigantes. Para os professores, a resposta sempre será “Alt + F4”, já para os programadores, a indagação é respondida com “Ctrl + Alt + Del”, mas esses são só alguns exemplos de suas genialidades, enquanto demonstram a mais nobre paixão.

Pode-se dizer que o isolamento em meio à Era Tecnológica não tem sido nada fácil para ninguém, já que ficar em casa nunca foi tão difícil. Inseridas cada vez mais em um mundo tecnológico, as pessoas lembram mais dos atalhos do computador do que do nome dos próprios parentes.

Ações como abrir um portão já são muito exigentes, sendo preferível clicar no botão de *Power* do computador e abrir as janelas das plataformas virtuais. Mas olhando pelo lado bom das coisas, mesmo com tudo isso, todos se uniram em prol de uma só causa, porque quando voltarmos às nossas costumeiras vidas, vamos todos juntos trabalhar e estudar no mesmo lugar, no hospício.

Fórmula da felicidade

Juliana Gabriele Gomes Oliveira

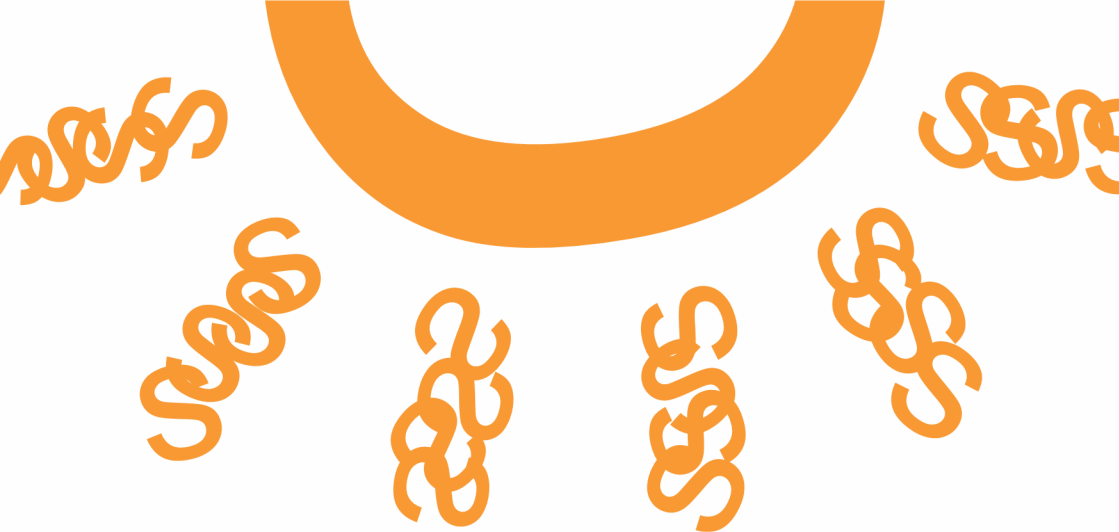
Uma vasta gama de filmes de ficção científica já buscou retratar uma infinidade de versões do futuro da humanidade que vão desde os mais catastróficos, como o fracasso humano em conter uma provável guerra nuclear, até os mais esperançosos, como o sucesso em alavancar mais ainda o desenvolvimento tecnológico de modo a conseguir superar as barreiras da falta de conhecimento sobre o mundo. Porém, analisando a segunda suposição por outra perspectiva, talvez ela acabe se enquadrando melhor na concepção que temos de um futuro catastrófico.

Não é difícil notar que atualmente o *smartphone* se tornou a nossa terceira mão. Já é parte do nosso corpo, como um membro que cresceu em nós sem pedir licença. Antes, sua finalidade se resumia em fazer chamadas e enviar SMS, mas agora ele evoluiu e está sob constante modificação para atender os desejos dos usuários. Hoje, com o auxílio dele e das redes sociais, podemos nos comunicar de maneira agilizada com diversas pessoas de diferentes locais, coisa que antigamente só seria possível através de veículos de comunicação mais antigos, como a utilização de telégrafos ou o envio de cartas (nesse sentido ele acaba sendo uma mão na roda). Porém, como tudo na vida vem com um preço, acabamos tendo que pagar por toda essa facilidade de comunicação com a perda de nossa própria sanidade. Uma forma de explicitar isso é considerar que há, a todo tempo, a necessidade de fazer algo, de se manter na ativa e de se atualizar dos acontecimentos do mundo, a cada segundo, com o propósito único de conseguir um certo destaque nesse meio social.

“Seja importante! Influencie! Seja relevante!” é o que mais ouvimos ser repetido. É como se houvesse uma cobrança em cada site acessado ou em cada notificação recebida. E as pessoas normalmente costumam ceder a tais cobranças, levando os dias tentando mascarar seus próprios problemas a fim de passar uma imagem de “vida perfeita” nas redes sociais e, com isso, conseguir alguns “likes” como recompensa.

Posso dizer que meu fundamento para concluir isso se dá pela minha própria experiência no Instagram, Twitter e afins. Percebo que hoje em dia todo mundo segue aparentemente o mesmo estilo de vida. Parece até que a gente vive em um mundo em que temos que seguir um roteiro pronto de como agir baseado em como o resto das pessoas agem. “Seja magra! Use esse corte de cabelo! Compre tal roupa! Seja positivo! Pratique esportes! Viaje!”. Não sei se todos estão cientes disso, mas para mim está claro que um padrão já foi instaurado e é nosso dever se adequar a ele, caso a gente não queira perder aquele nosso senso de pertencimento a algum grupo ou comunidade.

Sorria! Seja sociável! Tenha cada vez mais curtidas e compartilhamentos! A meta é fazer tudo isso dentro do seu dia, da semana, do mês, do ano. Não desanime na sua busca por aprovação social!



Parte III

Aquecimento
global e
meio ambiente

O calor que não se sente

Alexandre Oliveira Souza

O homem bem trajado com seu fino terno de seis, talvez sete salários-mínimos, sentou-se à mesa redonda da câmara cuja reunião por ele era presidida. Mirou a sala por completo e viu doze outros homens sentados ao redor da mesa proseando sobre algo que não conseguiu decifrar.

– Bom dia, pessoal. – disse energicamente. As conversas cessaram, os homens ajeitaram-se em suas cadeiras.

– Bom dia. – murmuraram alguns em uníssono.

– Vocês devem perguntar-se o porquê de eu convocar esta assembleia com tamanha urgência.

Alguns acenaram com a cabeça curiosos. O homem fez uma pausa, olhou por toda sala novamente, mirou cada rosto preocupado e, por fim, declarou:

– Contam por aí... Não sei se é verídico... Dizem que existe uma razão para a onda de calor nos últimos dias... – Suou como se tivessem sido emitidos trinta e sete bilhões de toneladas de dióxido de carbono na atmosfera terrestre em 2018.

– Calor? Não sinto calor algum. – disse um. Gesticulou para o ar-condicionado. Os demais gargalharam como se sete bilhões de toneladas de gás metano fossem emitidas anualmente.

– Não é isso. – desaprovou a chacota como se o Brasil tivesse emitido mais de 2 milhões de toneladas métricas de dióxido de carbono no ano de 2014 – dizem que é algo sério...

A sala calou-se num silêncio estranho, estranho como se tivessem sido desmatados 770 mil hectares de área florestal na Amazônia em 2019.

– Alguém tem alguma ideia do que poderia causar todo esse calor?

O silêncio permaneceu sério naquela sala, sério como se tivessem sido queimados mais de dois milhões de hectares no Pantanal em 2020. Feições de dúvida se espalharam pelo aposento como os incêndios na Amazônia que já somam mais de quatro milhões de campos de futebol somente em agosto. O clima tenso cresceu como a fissura na camada de ozônio que já ultrapassa 23 milhões de Km². Por fim, um homem decidiu arriscar:

– A falta de ar-condicionado?

Camelos Contemporâneos

Diogo Antunes Rocha Ribeiro

Diariamente, podemos ver colunas se encurvando cada vez mais por causa do exaustivo Sol, pegadas em chamas marcando o solo, sede insaciável por água depois de quilômetros percorridos para se realizar as obrigações diárias. Essa é a realidade vivida em 2020. Dizem que até mesmo a camada de ozônio desistiu de suportar o calor e foi embora, mas isso é somente uma especulação. Mesmo assim, os afazeres sempre aparecem, não se pode parar, não existe descanso! Todos são verdadeiros “burros de carga”: trabalham, esforçam-se, dão o seu máximo! Mas não existe descanso... desempenha-se o melhor, para não conseguir nem ao menos saciar a sede ao anoitecer.

O trabalho não vale mais a pena, já que o ganho não compensa. O prato principal se baseia em verduras e folhas e, principalmente, em água, uma vez que o único prazer que se tem é quando se está submerso em litros de água para se refrescar do calor. Sempre se ensina que se tem aproximadamente 80% do corpo composto por água, sinceramente não sei se isso se aplica à realidade atual.

Sonha-se em encontrar sombras no caminho mais do que encontrar um bilhete premiado da loteria. O percurso do trabalho é uma das partes mais angustiantes do dia, assemelha-se até mesmo à parte de trabalhar; mas não se pode fugir do ciclo que aparenta ser infinito, cabeça quente no trabalho e costas quentes enquanto volta do trabalho.

Mas ninguém nunca disse que os camelos teriam uma vida fácil!

O verdadeiro remédio?

Patrick Machado Cardoso

Acordo com o canto do galo, porque se passar mais um minuto é capaz de ficar grudado no colchão e não sair de lá nunca mais. Cedoo, a rotina começa, mesmo em tempos de quarentena, nós, benditos jovens, vamos à luta. Saio de casa, olho para o céu, não é mais aquele azul exuberante de antes, o ar também não parece o mesmo, está seco.

Entro no ônibus, observo os picolés derretendo lentamente. Sigo em frente, chego no serviço, coloco meu jaleco e vou à bancada. Pessoas entram e saem da farmácia, embora pareçam não ter motivos para isso. Poucas pessoas param, de fato, perguntam preços ou qualquer coisa relacionada a medicamentos, mas raramente compram. Enquanto isso, o sol do lado de fora da drogaria está rachando a pele de quem não está na sombra – que só se encontra a alguns quarteirões dali.

As horas vão se passando e o calor aumentando e, por incrível que pareça, mais pessoas se acumulam na tácita farmácia – mesmo que a maioria delas apenas se pese e saia. Curioso... será que todos estão preocupados tanto assim com sua saúde? Pela última vez, tento desvendar esse mistério e analiso cada passo de um casal que acaba de entrar na farmácia: eles observam os produtos, andam pela loja, uma, duas, três vezes, param, batem um papo e, logo em seguida, seguem rumo à balança para se pesarem. Percebo que esse padrão se repete, uma, duas, três, quatro vezes, chego até perder a conta. Reparo principalmente em um senhor que todos os dias, no mesmo horário e na maioria das vezes, com as mesmas vestes entra na farmácia e repete os mesmos padrões que as outras pessoas, a diferença era que ele puxava assunto comigo, ficávamos conversando sobre suas histórias e aventuras de vida e, com o tempo, acabou que ficamos mais próximos. A rotina se repetia.

Uma semana depois e tudo estava normal, até que, num dia, reparei que a movimentação na farmácia não era mais a mesma, a quantidade

de pessoas que entravam diminuiu, sem entender o real motivo, indaguei-me o que poderia ser. Pouco depois, avistei o senhor passando pela calçada em frente e reparei que nem sequer ele olhou para dentro da farmácia, achei estranho. No dia seguinte, a mesma coisa, mas dessa vez corri até ele e perguntei:

– Por que o senhor não vem mais à farmácia? – perguntei curioso.

– O ar-condicionado não tinha quebrado?

A realidade

Tiago Henrique Alves Santos

Levantei-me bem cedo, era umas cinco horas, fui para janela e comecei a observar o céu, ele estava lindo. Por ali fiquei alguns minutos – era a única hora em que não havia muito barulho, quase nenhum carro passava na avenida, nenhuma buzina, ninguém brigando. Passaram-se alguns minutos e meu pai levantou-se, estava bem animado, pois iríamos a um rio. Ao me ver em pé na janela, disse:

– Já está pronto, meu filho?

Respondi:

– Estou quase pronto! – disse saindo do parapeito da janela.

Rapidamente fiquei pronto, fomos para o carro com destino à Marmeladinha. Já na estrada de terra, as coisas estavam diferentes, não tinha barulhos de buzina, mas os pássaros cantavam com muita intensidade. Ao chegar no riacho, via-se fumaça, não de indústrias, mas era da bela cachoeira que ali se encontrava, a grama verdinha parecia ser um tapete, conseguíamos ver o fundo do riacho que estava cheio de pedras. O ar era leve, passava uma sensação diferente – fechei meus olhos, comecei a ouvir o barulho das folhas das árvores se movendo sem compromisso, o ar puro tocava meu rosto, entrava pelo meu nariz e renovava minhas energias, queria que aquele momento nunca acabasse, afinal estava entrando em contato com a natureza.

Meu pai foi fazer algo para comermos. Enquanto isso, fui dar uma volta pela Marmelada, tudo parecia ser perfeito, mas ao andar mais um pouco, observei uma grande quantidade de árvores cortadas. A grama estava escurecida, com certeza alguém tinha colocado fogo por ali. A natureza estava dividida, uma parte toda bela e outra destruída;

em meio a todo este desmatamento, havia um silêncio assustador, era como se estivesse ouvindo um pedido de ajuda daquele ambiente.

Ao inspirar, senti o ar pesado do local, rapidamente lembrei-me de toda a desordem da cidade. Claramente essas ações foram realizadas por alguém de lá, com a intenção de depredar ou fazer uma construção em meio a um lugar que era tão belo. Indignado com o egoísmo da humanidade, observei novamente aquele local e virei-me com a intenção de ir embora. Antes de me virar, percebi algo diferente, em meio a toda tristeza estava nascendo uma flor. A única coisa em que consegui pensar foi que a natureza estava lutando para se manter viva. Pedindo, por favor! Para que todos a deixassem em paz, para que assim ela pudesse se reconstruir novamente.

Iluminados por luzes artificiais

Emanuelle Prata Genésio

Hoje acordei mais cedo que o comum, acredito que, finalmente, o meu relógio biológico resolveu funcionar. Por algum motivo, não senti vontade de pegar o celular, mesmo sendo o primeiro gesto que faço ao longo desses últimos anos – às vezes, antes mesmo de me levantar. Saltei da cama e fui fazer o meu café, enquanto observava com atenção cada canto da casa. Resolvi comer na varanda, para poder observar algo diferente. Algo além dessa caixa de fósforo, que passamos horas dentro, como pássaros dentro de gaiolas abertas.

Olhando a varanda, percebi que havia um beija-flor me encarando, cumprimentei como se ele pudesse me entender:

– Olá, beija-flor! Como está? Sobrevoando muito por essas bandas?

Não sei se era algo da minha cabeça, mas posso jurar que ele me respondeu: “Ando bem, muito obrigado por perguntar. Estou passando muito tempo aqui pelo bairro, depois que começaram uma construção no local de preservação ambiental em que eu vivia, tive que buscar um local novo para morar. Acho até engraçado que você não tenha me visto, já que estou dia e noite passando pela sua janela levando e trazendo coisas para o meu novo ninho”.

Um pouco incrédula, continuei a conversa com toda a naturalidade que pude:

– Ultimamente ando um pouco desanimada para levantar da cama e o trabalho me consome. Estou recebendo, todos os dias, milhares de e-mails para responder, não desgrudo mais do celular. É tanta informação que, às vezes, parece que minha cabeça vai explodir.

O beija-flor me olhou e voou de um lado para o outro, como quem acaba de entender algo:

– Agora tudo faz sentido! Sempre te vejo dentro do seu “ninho” de frente para um objeto que ilumina o seu rosto! Você e muitos outros humanos! Acredito que esse seja o tal do celular. Vocês parecem vazios por dentro segurando essa coisa, nunca olham por onde pisam e parecem que já não veem mais valor no que realmente importa! Vivem destruindo a natureza que é a coisa mais preciosa que existe!

Parei para pensar por alguns segundos e, realmente, o pássaro estava coberto de razão. Estou passando tanto tempo dentro de casa, tanto tempo dentro das redes sociais que já não lembrava mais sobre a natureza e o quanto ela é bonita. Interrompendo meus pensamentos, o pássaro disse: “Preciso ir agora, tenho muito o que fazer. Muito obrigado pela conversa”. Acenei com a minha mão e disse: “Eu quem agradeço, você iluminou minha manhã”.

Fiquei observando o meu mais novo amigo ir embora, depois disso terminei meu café e fui para dentro de casa. Ao longo do meu dia, não consegui parar de pensar nas palavras do beija-flor; haviam destruído o lugar onde ele e diversos outros animais viviam para construir mais apartamentos que só vão servir para cansar nossas vistas e desmatar o ambiente que deveria estar sendo preservado. E ao invés de fazermos algo a respeito da preservação do local em que vivemos, estamos nos acostumando e aceitando que destruam o nosso planeta. Estamos nos acostumando a ficar horas olhando para o celular, a ficar meses sem sair para tomar um sol. Estamos sempre iluminados por luzes artificiais e nos escondendo nas sombras de enormes prédios. Estamos deixando de lado o que realmente importa para ficar olhando telas que sugam nossas energias.

O Empecilho

Patrick Machado Cardoso e Diogo A. R. Ribeiro

Milhares de pessoas dissimilares, cada uma com seus objetivos e obrigações, entretanto com um propósito em comum. Todas elas com total afinco de alcançarem esse objetivo. Aliás, eles nasceram para isso. Embora, um modo de vida precário seja a realidade do seu cotidiano, está tudo dentro dos conformes, pois tudo vale a pena.

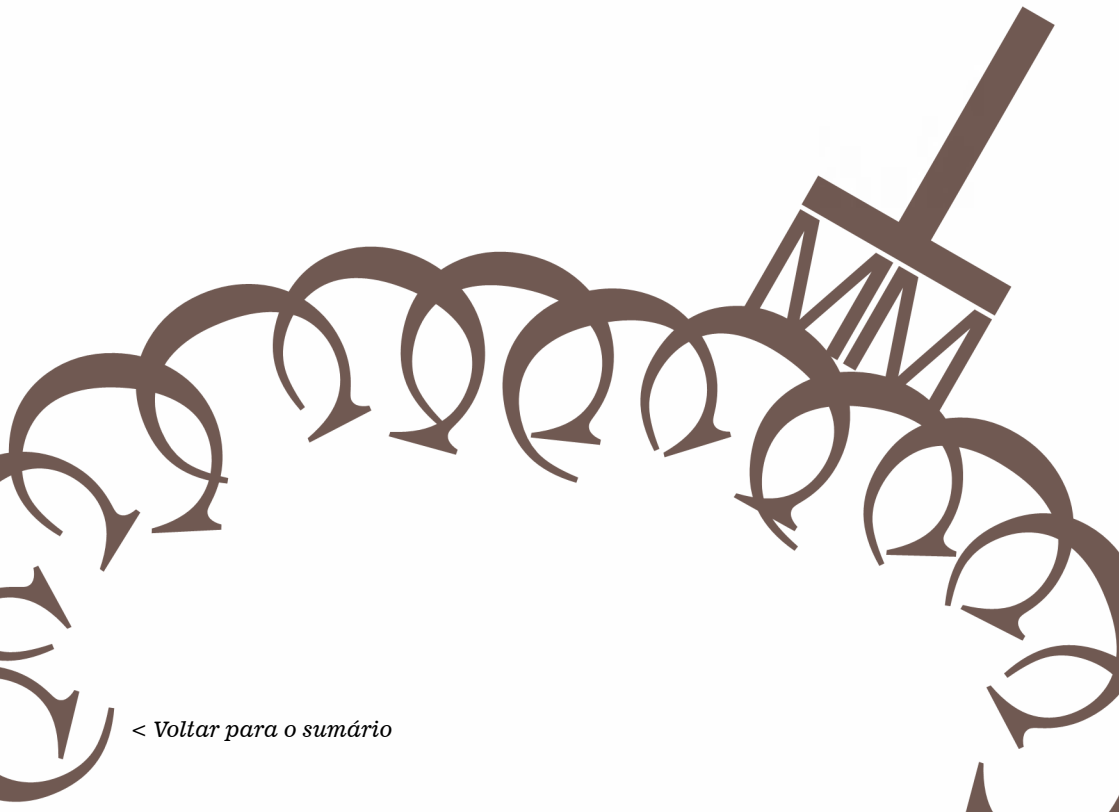
Mas existem ressalvas a serem feitas, pois eles possuem as melhores máquinas. Nada se compara ao tamanho das engrenagens desses maquinários. Controladores hidráulicos do mais alto escalão. Poucos sistemas conseguem alcançar níveis tão altos de precisão e eficácia quanto esses equipamentos. Eles são definitivamente devastadores, executam com maestria todos os tipos de tarefas às quais são submetidos. Ademais, não existe apenas uma, existem milhares. Entretanto, esses produtos demandam de um alto investimento, mas esse é o menor dos problemas, pois tudo vale a pena.

Trabalho em massa, um alcance exorbitante. O trabalho operário concomitante às poderosas máquinas combinam em um potencial de execução e resultados extraordinários. O que essa combinação pode realizar é imensurável. Todavia, isso não é o suficiente, eles almejam muito mais do que isso. Noites em claro, um trabalho incessante, mas ninguém ali vai parar até que se alcance o objetivo. Aliás, todo esforço é justo para que se concretize o sonho Deles. Ninguém vai parar, pois tudo vale a pena.

A cada dia mais, juntaremos as nossas forças e esforços, gota por gota até o último suspiro. As devastadoras máquinas nunca precisaram ser tão afiadas quanto agora, pois quanto mais adentramos, mais rígidos se tornam os “obstáculos”. Diante disso, torna-se revoltante o tamanho do empecilho que nos é imposto. Quilômetros de vegetação, tudo isso somente para nos distanciar do nosso objetivo. E qual o preço disso? Isso de nada importa, pois tudo vale a pena...

Parte IV

Preto e pobre no brasil



< Voltar para o sumário

Dia 13 de Maio

Augusto Castejon Santana

Hoje eu acordei e senti o vento gelado. Se eu tive vontade de me levantar? Não mesmo. Mesmo assim, me levantei; liguei o computador e entrei na aula. Se algum professor contou sobre a importância desse dia para a sociedade? Nenhum. Acho que as pessoas estão esquecendo que a história não é estudada para ser esquecida.

Pensando assim, lembro-me de quando a lei mais bonita, a Lei Áurea, tinha feriado. Ela é a mais bonita, se esquecermos a foto da princesa Isabel, claro. Eu a considero a mais bonita não só por ter um nome pomposo, mas por representar a libertação de uma trágica história, na qual humanos escravizam humanos.

Esse feriado era um dia para pensar sobre a vida, repensar nossos conceitos e nossas atitudes. Mas, mesmo sem o dia livre, se pararmos para pensar, por um momento, e fingir que jovens negros não são mortos todos os dias, que a abolição acabou com o preconceito e que tantas leis acabaram com a desigualdade, dá até para imaginar que o pensamento da sociedade evoluiu um pouco.

Ainda refletindo, acabo por perceber que não houve libertação alguma. Ficou só no papel. Aos negros, nenhum tipo de integração social, nenhum direito preservado. A elite continua com seus privilégios garantidos. Durante décadas, continuamos a presenciar um outro tipo de escravidão. Quando, meu Deus, poderemos ter uma sociedade realmente igualitária em direitos? Ouço um bip. Tenho que voltar às atividades das aulas.

Vitrine Preta e Branca

Alexandre Oliveira Souza

Entrei desconfiado na ourivesaria que sobejava sofisticação. Encarei a mulher que estava ao fundo do balcão encarando a tela de um computador. Esperei que me visse. Mirou-me, no entanto, não demorou para que desviasse o olhar. Fingiu não me ver. Aproximei-me; ela, porém, recuou ainda evitando contato visual.

- Bom dia. - disse na tentativa de receber atenção.

- Pois não. - disse com pavio curto.

- Gostaria de olhar seus relógios, por favor.

- Desculpe-me, mas nosso estoque acabou.

Respondeu desinteressada e voltou-se rapidamente à tela - que naquele momento parecia mais importante que eu.

- Senhora! - chamei.

Encarou-me com desdém e respondeu por pura obrigação:

- Pois não.

- Tem muitos naquela vitrine. - apontei para a terceira mais à direita da loja que tinha o maior destaque.

- Ah... Bem... Aqueles não estão em oferta.

- E qual é o problema?

Fitou-me de cima a baixo com nada além de esnobismo. Riu um riso sarcástico de canto.

– Tudo bem. Não faz mal só olhar de vez quando. – abafou um riso do que supostamente seria sua piada – que só teve graça em sua cabeça.

Levantou-se (finalmente!) da banquetta atrás do balcão e acompanhou-me ao mostruário; no entanto, parou em frente e apenas me encarou. Esperei para ver até quando ficaria assim. Cansei-me após alguns segundos de silêncio.

– Senhora?

Respondeu com o que parecia ser sua expressão favorita:

– Pois não.

– A senhora não vai abrir a vitrine?

– Abrir? – Riu.

Percebeu minha seriedade e parou. Recompôs-se e declarou:

– Está bem, mas não pode ficar com vontade! – riu de canto novamente. Já estou seriamente duvidando do senso de humor dela.

A mulher foi ao balcão, abriu uma gaveta e pinçou uma chave. Voltou ao escaparate e abriu cuidadosamente a porta de vidro. Examinei minuciosamente. Decidi experimentar um e o apanhei no mostruário. A mulher pareceu suar frio, estava tensa.

Coloquei a joia sobre mim e dirigi-me ao espelho mais próximo. A mulher parecia preocupada.

- É bonito! – quebrei o silêncio que permanecia já há alguns minutos.

A mulher acenou a cabeça em concordância. Olhei por mais alguns segundos, pensei um pouco, encarei a atendente e disse energicamente:

- Vou levar!

A moça sorriu de canto como se eu tivesse dito uma piada. Reparou que eu não estava rindo.

- Como? – quis confirmar.

- Vou levar!

Novamente me fitou por completo e disse com um sorriso bobo:

- Sério?

- Com toda certeza.

A mulher engoliu em seco, incrédula.

- Senhor, é um relógio de 27.000 reais. – falou como se fosse um absurdo que eu cogitasse comprar.

- Eu sei. Vi a etiqueta. – respondi seco.

A vendedora, ainda pasma, fechou a vitrine e foi ao balcão. Segui-a.

- Geralmente dividimos em até 48 vezes, mas nesse preço posso ver com minha supervisora se podemos dividir em 64 vezes para o senhor.

- Obrigado, mas não será necessário.

- Como? – quis constatar.

- Vou pagar à vista.

Olhou pelo lugar e procurou por câmeras – achou que estivesse numa pegadinha.

- Tudo bem. – disse descrente de que eu realmente compraria.

Digitou desinteressadamente os números na máquina, inseri o cartão e digitei a senha. Talvez o relógio não valesse, de fato, os 27.000, mas certamente a cara de surpresa da mulher, ao ver que a compra foi aprovada, valia.

- Obrigado! – disse olhando a atendente boquiaberta que pareceu não acreditar no que acabou de acontecer.

Decidi relevar o atendimento duvidável e apenas assumi que ela estava em um mau dia.

Sentei-me no banco em frente à loja e esperei por minha esposa que fazia compras na loja ao lado. Outro cliente entrou na joalheria, decidi observar. Estranhei, a mulher o atendeu bem. Pensei se o motivo seria a surpresa da compra de seu último cliente – eu. Olhei mais e percebi minha tolice. Ri de canto, já sabia o motivo de tamanha educação: o rapaz era branco.

O que há de errado com a cor da minha pele?

Letícia Magalhães de Sousa

Sou livre, sonhador, independente e sonho em crescer na vida, ser escutado e levado a sério, mas sou somente um adolescente. Rotulado pela sociedade como o revoltado, o rebelde e o estranho. Querem saber? Vocês sabem como é essa fase da vida, já passaram por isso, mas não fazem ideia de como é ser um jovem preto e pobre; a sociedade insiste em me julgar pela minha idade, por minhas escolhas, minhas opiniões e mais... me julgar pela cor da minha pele.

Sou criticado por ser o menino que luta pela equidade de gênero, por aceitar as diferenças, por defender as mudanças na sociedade, por reconhecer as toxicidades da política, por mover as redes sociais com pensamentos reflexivos e por não gostar das piadinhas de mau gosto nos almoços em família, em especial aquelas que se referem à cor da minha pele e à “qualidade” do meu cabelo.

Minha vida sempre foi baseada em medos, julgamentos e feridas que não se cicatrizam. Tenho medo de sair na rua e não voltar mais para casa, porque fui confundido com um infrator e morto brutalmente. Não posso ser inteligente e nem gostar de estudar... não posso ser médico. Tenho que achar normal as pessoas mudarem de calçada, para não ficarem do mesmo lado que eu; pois sempre acharão que sou bandido.

A revolução que habita em mim pede para sair e mostrar o quão grandioso posso ser, não meço esforços para mantê-la em meu interior, por isso ela se mostra presente nas discussões com os tios que não aceitam a orientação sexual do vizinho, contra os comentários machistas e preconceituosos que eles fazem questão em ironizar.

“Seu cabelo é lindo!”, “Você é lindo!” – minha vizinha faz questão de comentar sempre que passo em sua porta. Comentário esse que me conforta, me faz acreditar que nem todos os adultos carregam maldade no coração, crer que o mundo pode ser melhor, que a cor da minha pele e o tipo do meu cabelo não ditam minha posição na sociedade. “Corta esse cabelo!”, “Você acha que é bonito?” – rumores que escuto na rua – me acordam para a realidade, para a sociedade em que ainda vivemos. Por que é errado tentar acabar – ou pelo menos diminuir – esse tipo de situação? Lutar para que todos tenham a oportunidade de estudar é errado?

Quem sabe eu não consiga mudar o mundo mesmo!? Quero crescer na vida e reconhecer meus valores. Ser quem eu realmente sou, apenas um jovem com esperanças e borboletas no estômago, esperando os tombos da vida.

Te respeito, me respeite. Sou gentil com você independentemente de sua cor ou classe social, não me trate diferente por ser preto e pobre. Não sou seu escravo; nem seu empregado, não seja petulante e não me dê ordens. Posso sim ter um carro bom, uma boa formação escolar, andar na moda e comprar o que eu quiser. Não sou menos capaz que ninguém por ser preto, não seja ignorante a ponto de acreditar no contrário! Ninguém liga se você conversa ou até mesmo tem um amigo negro, a única coisa que me importa é: por que critica as cotas? Por que ainda brinca com o meu cabelo? É melhor reconsiderar seu conceito de “ser racista”.

O Bom Samaritano

Alexandre Oliveira Souza

Era cedo pela manhã, quase madrugada, quando eu me apressava para pegar o ônibus e chegar no horário ao trabalho. E, assim, andando a passos largos e rápidos, *me* deparei, de longe, com um indivíduo estirado na calçada. Logo pensei na tristeza da cena: como um cidadão pode chegar a essa situação? Lemos no Velho Testamento que somos todos filhos de Deus, criados à Sua imagem. Então como podemos descer a esse nível?

À medida que me aproximava, o homem ficava mais nítido. Parecia não estar muito bem. Na hora, lembrei da parábola do samaritano. Quando um certo doutor da lei questionou Jesus o que deveria fazer para herdar a vida eterna, Ele lhe respondeu com um questionamento: o que está escrito na lei? E o homem, sabido como era, lembrou do ensinamento de amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a ele mesmo. Ele mesmo respondeu, mas logo questionou o Cristo novamente: e quem é o meu próximo? Nesse momento, em toda sua sabedoria, o Nazareno ensinou a Parábola do Bom Samaritano.

Um homem que viajava de Jerusalém para Jericó caiu nas mãos de ladrões e foi deixado meio morto no caminho. E passando um sacerdote hipócrita, conhecedor da lei, deixou o homem. E um segundo, agora levita, também o ignorou. Mas um samaritano, que por ali passava, o viu e cuidou dele.

E, assim, o Mestre dos mestres ensinou. Que parábola linda! Ilustra o amor de Cristo pelos que são abandonados pelo mundo e ainda ensina nosso próprio papel para ajudar as pessoas! E quão maus são aqueles que agem como o sacerdote e o levita, mas quão bondoso é aquele que segue o cristão exemplo do samaritano! Este terá um lugar reservado nas mansões do Pai, mas aqueles estarão à esquerda e serão lançados fora.

Aproximei-me do homem o suficiente para encará-lo nos olhos. Não parecia bem. Estava exatamente como mostra a parábola: meio morto. Mas ainda bem que sou um conhecedor da boa palavra de Cristo! Não tardei a confortar o homem:

- Não se preocupe! Alguém logo virá ajudar o senhor!

E, assim, sabendo que alguém agiria como o bom samaritano, saí de cabeça erguida, porque alguém ajudaria o pobre homem!

Como a vida é

Emanuelle Prata Genésio

Hoje, acordei cedo, para mais um dia de trabalho sendo garçom em um hotel chique da cidade. Tomei um banho, arrumei meu cabelo e coloquei meu uniforme. Fui de bicicleta para o trabalho, como de costume, mas no caminho o pneu furou. Então fui caminhando, por isso, pela primeira vez cheguei atrasado. Tentei explicar para o meu superior o que havia acontecido, mas ele não me deu ouvidos:

– Bom dia, Josias. Queria pedir descul...

Josias me interrompeu:

– Eu não dou a mínima para os seus motivos, Renato, apenas entre no salão e faça o seu trabalho. Se esse atraso se repetir, você será demitido!

Fiz o que ele mandou, entrei no salão e comecei a pegar o pedido daquelas pessoas. Mesmo magoado com o que tinha acontecido há poucos minutos, ofereci o meu melhor sorriso para todos os clientes, pois eles não tinham culpa da falta de educação de Josias.

Atendi uma mulher bondosa, que me pediu um chá de camomila, alguns pães de queijo, café e um suco de laranja para os seus filhos. Anotei tudo e fui pedir para montarem o seu pedido. Rapidamente, o suco e o café foram preparados. Quando voltei à mesa para entregar uma parte do pedido feito pela mulher, o seu marido se encontrava junto dela e de seus filhos. Ela continuou sendo gentil comigo, mas o seu marido, por nenhum motivo aparente, me tratou de forma ríspida e indiferente, botando defeito em tudo.

– Rapaz, você é muito devagar! Traga logo a nossa comida! O café não está como eu gosto, não vou beber essa porcaria. Não sei como você conseguiu ser contratado, sendo tão lerdo assim.

Fiquei sem reação, apenas ouvi o que ele tinha a dizer. Eu não podia responder aquelas ofensas, precisava do emprego e, com certeza, Josias

me demitiria se eu não deixasse o cliente achar que tinha razão. E por isso eu apenas peguei o café daquele homem e disse que iria pedir para fazerem outro. Entreguei o novo café e o resto do pedido naquela mesa e saí sem dizer nada.

Eu sabia que aquela situação iria se repetir diversas vezes nesse trabalho, estou há poucos dias aqui e nesses poucos dias volto sempre exausto para casa, física e mentalmente, mas sei que se eu quiser continuar tendo um emprego terei que aceitar ser tratado dessa maneira.

Economia

Alexandre Oliveira Souza

- Faço agora iniciada a votação para distribuição da verba pública! Como de praxe, expressem seu voto de apoio. Em caso de discordância, manifestem-se! Todos de acordo?

- Sim!

- Ok! Iniciemos com os reajustes de assistência para o poder político. Reajuste da assistência de saúde para cargos políticos e jurídicos: 135 mil reais por pessoa e membro da família.

- De acordo!

- Fundo de Atividades culturais para política: 5,5 milhões de reais por departamento.

- De acordo!

- Assistência de transporte para cargos políticos federais: 26 mil reais anuais por funcionário.

- De acordo!

- Auxílio moradia para funcionários do poder executivo: 7.300 reais mensais por funcionário.

- De acordo!

- Auxílio manutenção de piscina para membros do Poder Executivo Federal: 1.200 reais mensais por m³ de piscina.

- De acordo!

- Agora, passaremos a distribuir o orçamento para o setor da Educação! Manutenção de prédios escolares, universitários e administrativos de instituições públicas de ensino: corte de 40%.

- De acordo!

- Auxílio...

- Opa! Calma aí!

- O que é?

- Como assim um corte de 40% na educação?

- Tem razão... vamos mudar! Reajuste: corte de 65%!

- De acordo!

- Não! Não era isso que eu quis dizer. Quero entender o porquê do corte!

- O porquê...? Porque precisamos diminuir os gastos! A Educação tem consumido muito ultimamente... não precisa de tudo isso!

- Diminuir gastos!? Mas você acabou de aprovar AUXÍLIO PISCINA!!!

- Olha, senhor...

- Ricardo.

- Então, sr. Ricardo, você é novo por aqui?

- Entrei no mandato passado, é a primeira vez que tenho esse tipo de reunião.

- Entendi... é o seguinte: aqui nós decidimos o valor que a gente acha melhor, sabe?

- Mas isso não está certo! Não estou entendendo nada dessa reunião! Onde estão os economistas? Os administradores? Não deveria ter alguém aqui mediando essas decisões?

- Ah... nós os dispensamos. Damos conta do recado!

- Mas não pode iss...

- Olha aqui, sr. Ricardo, as coisas aqui são um pouquinho diferentes... Você pelo visto não entende muito do assunto...

- Não entendo!?! Sou graduado em Administração e tenho doutorado em Economia Pública!

- Espera aí... você fez faculdade?

- Como assim? É lógico que fiz!

- Ah... tá explicado! Aqui ninguém fez faculdade, lá só ensinam besteira. Qualquer um aprende!

- Besteira é o que estão fazendo nessa reunião! Aprovou um tanto de auxílio desnecessário para os cargos políticos e cortou a verba da Educação!?

- Ué... de onde acha que saem os custos do "tanto de auxílio"? Por isso digo que a faculdade não vale de nada...

- Mas não pode isso! Devemos...

- É o seguinte: todos aqui concordam, exceto o senhor! Além disso, tem feito a maior algazarra aqui! Talvez nós devamos pedir para o senhor se retirar, para manter a ordem em um momento tão crucial para o desenvolvimento do Brasil!

- Algazarra!? Só discordo da maneira como estão administrando a verba pública! Um bando de gente que não sabe nada de economia tomando essas decisões!

- Ouviram, senhores? DESACATO! Por favor, seguranças, levem-no! Ele está alterado e com sinais de violência!

- O quê!?

- Por favor, senhor, venha conosco!

- Mas eu não fiz nada de errado!

- Nós vamos acompanhá-lo para fora da sala.

- Muito bem! Continuemos nossa reunião! Como essa área deu tanto problema, vamos para a próxima: alimentação. Leite condensado: 15 milhões de reais!

- De acordo!



Parte V
Datas
comemorativas

Uma data especial

Tiago Henrique Alves Santos

Éramos três. Eu, como filho mais velho, estava bastante nervoso, sentindo um frio na barriga. Andava por todos os cantos do apartamento roendo as unhas da mão. O tempo estava bem fresco e era um bom momento para continuar dormindo, mas aquela data era muito importante para ficar deitado. Meu irmão que estava sentado na cabeceira da mesa na copa, parecia estar jogando com seus amigos no *notebook*, dava altas gargalhadas. Ele demonstrava-se bem tranquilo. Minha mãe estava no quarto em sono profundo, sabe-se lá que horas iria acordar, estava com uma coberta e bem encolhidinha, parecia estar em um sono perfeito. Ainda estava bem cedo para que ela acordasse e se deparasse com toda a surpresa que havia preparado, pois afinal era Dia das Mães! Meu irmão sabia que data era, mas parecia não ter preparado nada para presentear nossa mãe.

Por um momento, parei em um canto e comecei a pensar como os filhos da atualidade deixam essa data passar em branco. A forma que tratamos nossos pais, às vezes, é tão desnecessária que passamos a ser pessoas sem coração, pois eles muitas vezes deixam de fazer alguma coisa para nos ajudar, sendo que na adolescência essas coisas ocorrem com muita frequência. Sempre pensamos que somos donos da razão, mas muitas vezes não conseguimos resolver nossos problemas e sempre procuramos nossas mães. Aquele dia é apenas uma data, mas deve se levar em consideração que todo dia é o Dia das Mães.

Indignado com o que estava acontecendo, me levantei e fui conversar com meu irmão. Tivemos uma conversa bem séria! Disse que não estavam certas suas atitudes e pedi que ele tomasse alguma providência para que não deixasse esse momento passar em branco. Ao terminar a conversa, ele saiu meio cabisbaixo, mas agora já tinha certeza de que meu maninho havia preparado algo para nossa Mãe. Passaram-se algumas horas e ela acordou bem animada! Ao chegar na sala, sentiu

um cheiro muito bom, havia feito uma lasanha para ela e rapidamente nos abraçou e meu irmão a presenteou com uma simples carta que a deixou extremamente contente! Naquele momento, ela disse um “Amo vocês!”, que foi o suficiente para completar nosso dia.

Mães que são como anjos

Emanuelle Prata Genésio

A casa finalmente estava silenciosa, e o cansaço tomava conta. Eugênia tinha que demonstrar toda a força e esperança que já não sentia ter até as ruas ficarem vazias e a escuridão tomar conta de tudo.

Cuidava de três filhas praticamente sozinha, o marido fornecia ajuda uma vez ou outra para não poderem acusá-lo de não fazer o mínimo, para então passar a maior parte do seu tempo longe de casa. O fardo mais pesado, quem carregava, claro, era Eugênia. Tinha que sustentar três meninas com o seu salário escasso de doméstica. E como se já não fosse ruim o bastante, descobriu que seu marido está metido com outra. Outra a quem fornece tudo o que falta em sua casa, estabilidade financeira, luxo, comida, roupas e até joias caras.

Todos sabiam que seu marido a traía, mas ninguém teve coragem de dizer-lhe, apenas dirigiam olhares de pena. Quando descobriu ficou destruída, mas não demonstrou por um segundo sequer fraqueza diante daquelas pessoas falsas. Deu um fim ao seu casamento, por mais que Álvaro implorasse perdão e promettesse mudança. Apesar de ainda amá-lo, não podia aceitar que ele deixasse de alimentar a sua família, para dar do bom e do melhor a uma qualquer.

Sabia que daqui para frente seria mais difícil que antes, pois Álvaro dava alguma ajuda vez ou outra. Por mais que, às vezes, se sentisse sozinha, sabia que possuía alguém a quem pudesse recorrer mesmo que tivesse que pedir diversas vezes. Mas agora tinha total certeza de que estava sozinha e os olhares de condolências que recebia geravam-lhe angústia.

Todas da vizinhança sabiam que Eugênia estava mal, por mais que negasse. O seu físico pequeno estava mais franzino que o comum e o seu olhar catatônico. Os raios do sol machucavam sua pele e traziam mais um dia de dor, mas não podia ceder, suas filhas precisavam dela

e ela sabia disso. Essa era a mesma certeza que fazia ela levantar da cama todos os dias, mas que gelava sua espinha.

Estava doente de tristeza e suas filhas viam isso, entendiam tudo o que estava acontecendo, mas não contestavam a mãe. Davam o seu melhor para conseguirem demonstrar, da forma que podiam, o amor que sentiam por ela e ajudavam com o que conseguiam. As poucas amigas de sua mãe também a ajudaram da forma como podiam, seja dando conselhos ou ajudando a cuidar de suas filhas. Ao contrário do que pensava no início, não estava completamente sozinha.

A dor continuava ali, mas Eugênia não possuía tempo para lástimas. Queria dar para suas filhas aquilo que Álvaro não foi homem suficiente para dar. Nos dias difíceis, substituiu sua tristeza por fúria e rodeou-se do amor de suas filhas, pois aquele sim era verdadeiro. Acreditava no futuro das filhas, acreditava em um futuro melhor em que essa dor não tomasse conta do seu peito.

Por muito tempo achou que não conseguiria carregar esse fardo de ser mãe. Existem muitas mães ruins, mas também existem muitas mães que são como anjos, e Eugênia queria ser como essas para suas filhas. Não previu esses infortúnios que a vida colocou em seu caminho, mas como uma boa mãe tentou fazer de tudo para que dias melhores viessem e nada de ruim acontecesse com suas filhas.

Ser mãe nunca seria fácil e Eugênia sabia. Ser responsável pela vida de mais três pessoas, ter que tomar decisões por pessoas tão pequenas que, às vezes, viravam a casa de ponta cabeça, parecia loucura. Arrumar dinheiro para alimentar tantas pessoinhas sem ter uma formação, parecia mais louco ainda. E era ali que ela via que ser mãe não era para qualquer uma e que nenhuma mulher nasce com o dom de ser mãe. Teve que mudar muito, aprender muito para cuidar de suas filhas, deixar muito do seu futuro de lado e, com certeza, isso doía. Não poder ir a festas, sair com as amigas e voltar tarde para casa. Mas isso era a maternidade e, com certeza, essa não era a melhor parte de ser mãe.

Não amava a maternidade, mas amava as suas filhas, que eram muito fofas e inteligentes. Sabia que tudo o que aconteceu a tornou mais forte e que a cada dia aprendeu com as suas filhas. Quanto mais o tempo passa, mais prazeroso é vê-las crescendo e se tornando mulheres que conquistam tudo aquilo que ela não pode proporcionar e que agora é ela quem é cuidada por elas. Todo o seu esforço valeu a pena, pois agora as meninas estão crescidas. Através do fruto de sua luta, criou mulheres incríveis, que são anjos com seus filhos e batalham para dar o melhor para eles, igual ela fez.

Dia das Crianças para quem?

Alexandre Oliveira Souza

Era perto das sete da noite quando estava voltando do trabalho e vi um garoto mirrado parado no semáforo ainda verde. Prestei bastante atenção no menino que pendia entre o maltrapilho e o arrumado: segurava uma caixa de doces e balas coloridas que contrastava com suas roupas surradas e desbotadas.

Devo ter me distraído nesse período de poucos segundos, pois não tardou para que disparasse um buzinaço dos carros atrás de mim. Tentei arrancar com o veículo, mas não foi o suficiente, o sinal se fechou logo em seguida. Parei ainda ao som de algumas buzinas impacientes.

- Vai uma bala aí, doutor?

De pronto, respondi o de sempre:

- Estou sem trocado agora.

Na verdade, eu nem sabia mesmo se tinha ou não alguns quebrados no carro, mas eu já estava tão acostumado a negar qualquer coisa que ofertassem na rua que retorqui no automático. Cidade grande, sabe? Se aceitarmos tudo que nos oferecem, falimos. Decidi checar para aliviar a consciência. Verifiquei o porta-copos e pesquei duas notas de dois. Bingo! Assim que ele voltasse, compraria algo.

Antes que eu tivesse a oportunidade, o sinal abriu e quis evitar a segunda enxurrada de buzinas. Rodei uns quinhentos metros com a minha consciência pesada: - Já é tarde, o garoto deve estar louco para voltar para casa. Precisa terminar de vender logo. - Olhei de relance no retrovisor e vi alguns presentes que eu havia comprado pela manhã para os meus meninos: era Dia das Crianças. Ainda tinha mais essa,

era Dia das Crianças. Depois de me dar conta disso, dei meia volta no trânsito e encostei o carro ao lado do rapaz.

- Quanto *tá*?

- Qualquer um *tá* dois reais.

- *Me dá* dois desse chocolate então.

- Aqui está. - Disse me entregando o pacote.

- Você já está indo pra casa? Está tarde.

- Nada. Só volto pra casa depois de terminar de vender.

- E você geralmente demora muito?

- Demoro não. Lá pelas onze eu termino.

- Isso é tarde. Não é bom ficar na rua até essa hora.

- Já *tô* acostumado, doutor. Rodo a cidade toda.

- Mas hoje é feriado. Merece um descanso, não?

- Feriado?

- Sim. Dia das Crianças.

- Ah... lembrava não.

- É. Aproveite o restante do dia. Tire uma folga.

- Posso não, doutor. *Tô* vendendo pra ajudar minha mãe.

O impasse me tomou. Remexi na carteira e achei uma de cem.

- Toma aqui.

- Ô, doutor, precisa disso não. *Vou vendendo* tranquilo aqui.

- Pega aí. Levo os doces para os meus filhos. Eles amam chocolate.

- Ô, doutor, obrigado. Obrigado mesmo!

- Não é nada.

- Onde você mora?

- Lá no Capão.

- Longe daqui, não?

- É nada. De ônibus é tranquilo.

- É sim. São o quê... umas duas horas de ônibus?

- Uma e meia.

- Olha aí. Não, entra aí. *Te levo* lá.

- Precisa não. Sério mesmo.

- É caminho, não custa nada. - Na verdade, não era caminho. Era do outro lado da cidade em relação à minha casa. Mas não queria deixar o moleque na rua. Era Dia das Crianças, poxa!

- Ah... obrigado! Licença.

Alternamos o caminho inteiro entre uma conversa sobre a vida no geral e um silêncio ocasional, embora não tão constante. Achei bonito como ele levava a vida tranquilamente, apesar de todas suas dificuldades. O garoto era de família humilde, sabe? Trabalha desde os oito para ajudar a sustentar a casa, que não se supre pelo pai ausente e pela mãe faxineira. Era uma vida complicada a dele, mas ele não mostrava. Fiquei feliz por ele não se lamentar, mas ver um lado bom em tudo. Aquele era um garoto de ouro, mas a vida sempre dá uma rasteira, não? É sempre assim. É suposto que seja assim.

Despedi-me do garoto à porta de sua casa e o vi desaparecer no breu do quintal. É reconfortante saber que temos jovens compreensivos e responsáveis. O triste mesmo é se dar conta que, hoje em dia, criança pobre não pode mais ser criança.

Um Papai Noel diferente

Alexandre Oliveira Souza

Era madrugada quando acordei com um barulho que parecia vir da sala. Atentei-me para tentar ouvir novamente. Ouvi.

- Rafael! Rafael! Acorda! - disse baixinho enquanto o sacudia.

- O que é? - respondeu com voz de sono.

- Tem alguém aqui em casa.

- O quê?!

- Ouvi um barulho. Parece que tem alguém na sala.

Ele se levantou num pulo e agarrou o abajur - como se fosse ajudar.

- Fique atrás de mim. - disse me puxando para trás e erguendo o abajur.

Chegamos na sala e nos deparamos com um homem com um saco nas costas fuçando no *rack* no canto do aposento.

- Parado! - berrou meu marido.

- Vou chamar a polícia, seu patife. Júlia, liga para polícia!

- Calma aí, patrão. Não sou bandido.

O homem lentamente acendeu o interruptor ao seu lado. Com o ambiente claro, foi possível perceber que vestia uma roupa vermelha aveludada, um gorro vermelho do mesmo material e um pompom. Seu rosto era grande e sua barba branca era longa.

- Mas o que diabos está acontecendo aqui?
- Permitam apresentar-me. Sou o Papai Noel.
- Papai Noel?
- Isso mesmo.
- Júlia, chama a polícia.
- Não! Vai mandar prender o Papai Noel? Só vim trazer presentes.
- Então você está dizendo que é realmente o Papai Noel? Aquele velho barbudo que voa com as renas e entrega presentes para crianças no mundo todo?
- Eu mesmo.
- E onde estão as renas?
- Ah... O ano foi difícil. Sabe essa coisa de coronavírus, foi uma bagunça. Tive que mandar muitos funcionários embora.
- Sei. – disse olhando pela janela e vendo a *pick-up* estacionada no lado de fora.
- E você tem presentes aí nesse saco? – perguntei.
- Tenho... Aqui está o de vocês. – disse, sacando uma coleção de talheres de prata.
- Você entrega isso para crianças?
- Como eu disse... Foi um ano difícil.

O silêncio se manteve por um momento, enquanto o Noel nos encarava preocupado.

- Ô João! Não terminou até agora? - disse um rapaz entrando na sala.

- João? - questionei.

Não sei vocês, mas eu nunca vi um Papai Noel pegar uma TV tão rápido e ir embora.

Blitz de Natal

Patrick Machado Cardoso

- Encoste, senhor! – ordenou o guarda municipal.
- Identidade e documentação do veículo, por favor!
- Senhor, não possuo documentação nenhuma! – afirmou o velho sem entender o que estava realmente acontecendo.
- Vou pedir mais uma vez. Identidade e documentação do veículo, por favor!
- Senhor guarda! Desculpe-me, mas realmente não possuo nenhuma documentação. Inclusive estou atrasado! – exclamou o velho de forma calma.
- Atrasado? Atrasado para quê? – indagou o guarda.
- Bom, não sei se o senhor percebeu, mas é que eu sou o Noel!
- Noel Rosa? O sambista, compositor e cantor? – perguntou com esperança.
- Não, não! Eu sou o Papai Noel!
- Não venha com essa! – suspirou o guarda. O Papai Noel, que eu saiba, viaja de trenó junto às suas renas e não com um conversível lançado neste ano – afirmou com inteligência.
- Sim, eu costumava ir trabalhar assim, mas é que meu trenó foi apreendido por não possuir quatro rodas e minhas renas foram tiradas de mim por causa da exploração dos animais. – disse triste.

– Ok, ok! Mas... E cadê a barba branca, a barriga grande, a roupa vermelha e o saco de brinquedo? – perguntou com tom de suspeita.

– Pode ser difícil de acreditar, mas recentemente abriram uma barbearia chamada “PoloHair” perto de onde eu moro. Já a barriga se foi há alguns meses, pois inauguraram uma academia no início do ano, chamada “PoloFit”. Em relação à roupa vermelha, é simples de explicar: com esse calor é insuportável usá-la...

– Pera! Mas no Polo Norte é só neve, como pode fazer calor lá? – interrompeu.

– Até pouco tempo era, mas com o aquecimento global, tudo está derretendo. Continuando... O saco de brinquedos está lá trás, no porta-malas.

– Faz favor de abrir então para mim! – ordenou o guarda.

– É claro, sem problemas...

– Cadê os brinquedos? – perguntou sem entender o que via.

– Eu também fiquei na dúvida, mandaram-me apenas cartas pedindo vacinas pra um tal vírus... Falaram que era a única esperança de Natal.

– Aaaaah... Agora faz todo sentido! Por que o senhor não me disse logo que estava levando as vacinas para as famílias neste Natal?

– Realmente, não imaginava que fosse tão importante. – afirmou sem ter acompanhado nenhuma notícia do jornal nos últimos meses. Então, estou liberado? Posso seguir viagem? – perguntou apressado.

– Pode sim. Só mais uma coisa pra eu te liberar...

– Diga?

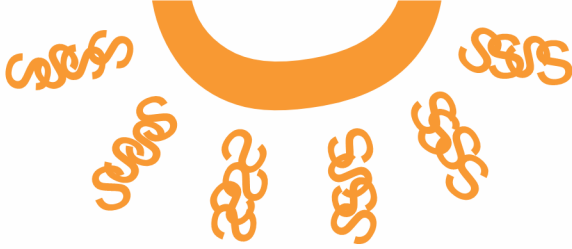
- O senhor trouxe máscara, certo?

- Máscara!?

Minibiografia do organizador

Mestre em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM). Pós-graduado em Alfabetização pela Universidade Castelo Branco (2007) e pós-graduado em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava (2003). Professor efetivo da educação básica, técnica e tecnológica do IFTM desde 30 de junho de 2016. Foi coordenador do curso de Letras do IFTM *Campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico de abril de 2019 a março de 2021. Atuou como diretor da Escola Estadual São Benedito de Uberaba de 27 de novembro de 2010 até 30 de junho de 2016. Antes, atuou como professor de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Literatura Brasileira e Portuguesa e Redação em diversas escolas de Uberaba, entre 2002 e 2016.





editora
IFTM



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Triângulo Mineiro

